



**Proposta investigativa acerca da midiatização da guerra entre
Rússia e Ucrânia em capas de jornais de Brasil e Suécia¹**

**Investigative proposal on the mediatization of war between
Russia and Ukraine on newspapers front pages from
Brazil and Sweden**

Camila Hartmann

Palavras-chave: Midiatização; Guerra; Jornalismo.

O presente texto aborda aspectos de uma pesquisa em curso que versa sobre a midiatização do conflito russo-ucraniano em capas de dois jornais representativos da mídia de referência brasileira (Folha de S.Paulo) e sueca (Dagens Nyheter). Refletindo sobre os seus desdobramentos noticiosos na Suécia e no Brasil, desvelamos como a guerra é discursivizada desde realidades tão distintas e distantes. Trata-se, assim, de uma abordagem comparada, apontando similaridades e diferenças, entre as capas de Brasil e Suécia. Nosso corpus é formado por capas impressas publicadas pela Folha de S.Paulo e pelo Dagens Nyheter durante o primeiro ano do conflito: 24 de fevereiro de 2022 até 24 de fevereiro de 2023.² Para operacionalizar a análise, elegeu-se um aparato metodológico fundamentado na semiótica discursiva, buscando reconhecer a imbricação dos discursos com o que ocorre no tecido social. Ao estudar os elementos verbovisuais

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.

² Estamos cientes de que há abordagens que assumem que a guerra entre Rússia e Ucrânia teria se iniciado anteriormente, em 2014, por exemplo. Para fins de análise, definimos o momento inicial a partir do confronto mais recente, deflagrado a partir da chamada operação militar espacial russa contra a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022.



engendrados na materialidade discursiva das capas do jornal brasileiro e do jornal sueco a par de seus contextos produtivos, empenhamo-nos em desvelar os sentidos ali produzidos sobre o conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Assim, ansiamos identificar o padrão de noticiabilidade construído sobre a guerra russo-ucraniana pela mídia brasileira e pela mídia sueca.

A pesquisa em midiatização se pratica desde abordagens bastante diversificadas; os autores situados nas distintas vertentes talvez estejam buscando responder ao desafio sumarizado por Scolari, Fernández e Rodríguez-Amat (2021, p. 200, tradução nossa): “nem todas as midiatizações são iguais”. Nosso foco recai sobre as perspectivas diferenciadas em construção na América Latina e na Europa. Em linhas gerais, podemos distinguir as tradições teóricas em três grandes grupos: estudos desenvolvidos no Brasil e na Argentina, herdeiros das premissas de Eliseo Verón, e as abordagens institucional e socioconstrutivista empreendidas na Europa (Hjarvard, 2008; Hepp, 2014; Braga, 2015).

Isso posto, sucintamente, assumimos a midiatização como um processo contínuo, de vasta complexidade e cujo desenvolvimento é potencializado à medida que a exteriorização dos elementos de produção social de sentidos, por meio de materialidades técnicas, se torna cada vez mais multifacetada. Concebemos que esse processo se dá de diversas formas e assume características distintas no tempo e espaço de cada sociedade. Dessa forma, seguindo Ferreira (2016), compreendemos a midiatização como um ângulo epistemológico específico de investigação dos processos midiáticos.

Ao suscitar novos modos de ser em sociedade, a midiatização também altera nossas formas de vivenciar situações de guerra (Hoskins; O’Loughlin, 2015; Ford; Hoskins, 2022; Horbyk, 2023). Os conflitos são desenvolvidos e atravessados pela midiatização: “o surgimento das mídias digitais tem intensificado e alterado as interações entre mídia e conflitos no ambiente de mídia global e convergente de hoje” (Eskjaer; Hjarvard; Mortensen, 2015, p. 3, tradução nossa). Sejam disputas urbanas ou



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

geopolíticas, a centralidade da comunicação nos conflitos atuais é iniludível. Particularidades da guerra entre Rússia e Ucrânia travada nesse ambiente comunicacional midiaticado devem ser sopesadas. Como já alertaram Bolin, Jordan e Ståhlberg (2016) e Bolin e Ståhlberg (2023), em tempos de crise, quando se exacerbam narrativas concorrentes sobre os fatos, a gestão da informação e dos sentidos decorrentes torna-se ainda mais arriscada e complexa.

Números relativos ao ano um da guerra apontam que esta já constitui a maior crise militar na Europa desde a segunda guerra mundial (Ladeira; Gutierrez, 2022). Trata-se de um dos maiores deslocamentos humanitários já testemunhados pelo mundo – 35% dos ucranianos deixaram suas casas (mais de 13 milhões de pessoas), incluindo quase 8 milhões de refugiados em toda a Europa e mais de 5 milhões de deslocados internos na Ucrânia; 60% de sua população vive agora no limiar da pobreza (Ladeira, 2023; Prange, 2023; Um ano após..., 2023). Quanto à Rússia, as estimativas do número exato de migrantes variam entre 500 mil e 1 milhão de pessoas (Cardoni, 2022).

De acordo com a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), pelo menos 18 mil pessoas foram mortas ou feridas durante 11 meses de guerra – os dados são de janeiro de 2023 (Pelo menos 18..., 2023). Existe uma grande discrepância nas informações sobre as mortes: o contingente varia de 7 mil, além de 11 mil feridos, segundo a ONU, que reconhece que a subnotificação torna os números reais possivelmente bem maiores que os divulgados, a 300 mil, segundo fontes militares e/ou independentes consultadas por mídias europeias (Peduzzi, 2023; Pelo menos 18..., 2023; Russia taken 180,000..., 2023). Um agravante no contexto ucraniano é a taxa de natalidade do país, que já era uma das mais baixas da Europa mesmo antes do início do conflito (Alves, 2022).

A relevância de pesquisar acerca da temática da guerra russo-ucraniana no Brasil passa por considerar nossa constituição enquanto país multiétnico e multicultural que abriga, além de refugiados, comunidades de imigrantes russos e ucranianos. A região sul se destaca: ademais de um número expressivo de imigrantes russos sitiados em



Campina das Missões, no interior do estado do Rio Grande do Sul, há uma colônia ucraniana no Paraná – Prudentópolis, que inclusive é referida em algumas capas da Folha de S.Paulo que integram o corpus.

O Brasil abriga a quarta maior comunidade ucraniana da América Latina, a quarta maior do mundo (TV Brasil, 2022; Luz, 2018). Consoante a Representação Central Ucrâniano-Brasileira, dos cerca de 600 mil ucranianos e seus descendentes que vivem no Brasil, 80% está em Prudentópolis; dados da prefeitura do município apontam que dos 52 mil habitantes, aproximadamente 39 mil são descendentes de ucranianos, ou seja, 75% (Budel, 2022).

Conforme a Embaixada da Federação Russa no Brasil, existem 35 mil russos vivendo no Brasil (Veiga, 2022). Campina das Missões é a cidade que abriga a maior comunidade russa no país – cerca de 25% da população (1.500 pessoas aproximadamente) tem parentesco com a Rússia. Convém comentar também que há muitas mulheres russas grávidas vindo ao Brasil para dar à luz; o chamado turismo de parto cresceu com a eminência da guerra (Braun, 2023) – tal temática também aparece nas capas do jornal brasileiro.

Esse entorno contextual tem suas implicações na construção da cobertura jornalística e no estabelecimento de um padrão de noticiabilidade para discursivizar sobre a guerra. A noticiabilidade, cabe frisar, é situada analogamente à ordem do discurso, nos termos foucaultianos (Foucault, 1996), na medida em que também é própria de um período específico, possui uma função reguladora, normativa, e põe em funcionamento procedimentos de organização do real.

A noticiabilidade diz respeito às condições de trato dos acontecimentos, aquelas que presidem a elaboração de uma pauta, a definição de sua angulação e a eleição de fontes e dos fatos a cobrir (Schudson, 1988; Traquina, 2013). Ela trata da compreensão de uma ordem noticiosa que reproduz a percepção de uma dada ordem social e dá as condições para a construção de situações de comunicação definitórias de elementos do



jornalismo corporativo em atenção a seus compromissos sociais da cobertura noticiosa (Hartmann; Silveira, 2018).

Assim, a noticiabilidade versa sobre o modo como o jornalismo organiza e opera os sentidos sociais, e esse processo é uma construção sempre relativa a um determinado contexto, daí a importância desse conceito ao se desenvolver estudos comparativos. A construção da cobertura jornalística sobre a guerra em Folha de S.Paulo e Dagens Nyheter se orienta por critérios de noticiabilidade distintos, considerando a realidade, por um lado, de Brasil e, de outro, a Suécia. A distância geográfica de cada país em relação ao conflito é um fator primordial que demarca tal diferenciação. Convém recordar que o nosso aparato metodológico, da semiótica discursiva, oportuniza analisar a imbricação entre os processos sociais e discursivos (Greimas, 1979; 2014; Barros, 2005; Landowski, 2014).

Entendemos que a materialização discursiva do padrão de noticiabilidade adotado por um veículo jornalístico se posta de maneira singular em sua capa, visto a sua responsabilidade enquanto meio auto-anunciativo da publicação, comprometendo-se, em certo sentido, pela circulação de toda a mensagem da edição. Capas jornalísticas são aquelas que veiculam conteúdo jornalístico, a exemplo de capas de revistas e jornais. A capa jornalística pode ser tomada como estrutura alegórica, a bola da vez na gíria esportiva, a cara e o coração da publicação (Hartmann; Silveira, 2018). Na qualidade de primeiro componente de uma publicação, a capa se configura como espaço institucionalizado para criar e compartilhar valores sobre os veículos que anuncia (Mouillaud, 2002; Casagrande, 2019).

Um levantamento quantitativo das menções ao conflito nas capas dos jornais que compõem o corpus indica que a guerra russo-ucraniana recebe muito mais destaque nas capas do jornal sueco do que nas capas do jornal brasileiro: no período abrangido pela análise, menos de 40% das capas da Folha de S.Paulo trouxeram algum aspecto relacionado à guerra; já as capas do Dagens Nyheter a mencionaram 70% das vezes. A análise qualitativa, ainda em andamento, indica o mesmo, ou seja: nossos conflitos são



outros. As capas da Folha de S.Paulo evidenciam que os conflitos internos do Brasil, os problemas que enfrentamos com criminalidade, pobreza e fome, apenas para citar alguns, mereceriam mais espaço na cobertura jornalística do que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Esse entendimento fundamenta-se na compreensão dos critérios que orientam a produção jornalística de um jornal brasileiro e de um jornal sueco diante do conflito em voga. Os critérios de noticiabilidade, naturalmente, diferem entre si, implicando que outra percepção ou gramática de conflitos prevaleceria no Brasil – uma realidade que poderia ser definida como uma guerra híbrida ou guerra informacional, não necessariamente caracterizada por tanques e bombas, ou seja, pelo conflito armado, mas com procedimentos conflituos alimentados profundamente pela polarização política e as decorrentes bolhas de desinformação que se propagam por meio de plataformas digitais.

Referências

ALVES, J. E. D. Implosão da população da Ucrânia no século XXI. **EcoDebate**, 26 set. 2022, ed. 3.909. Disponível em: ecodebate.com.br/2022/09/26/implosao-da-populacao-da-ucrania-no-seculo-xxi/.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BOLIN, G.; JORDAN, P.; STÅHLBERG, P. From nation branding to information warfare. The management of information in the Ukraine-Russia conflict. In: PANTI, M. (Org.). **Media and the Ukraine crisis**. New York: Peter Lang, p. 3-18, 2016.

BOLIN, G.; STÅHLBERG, P. **Managing Meaning in Ukraine: Information, Communication, and Narration Since the Euromaidan Revolution**. Cambridge: MIT Press Open, 2023.

BRAGA, J. L. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização? In: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINO, N. R.; GINDIN, I. L. (Orgs.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR Editora, 2015. p. 15-32. Disponível em: cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/86/relatos-de-investigaciones-sobre-mediatizaciones.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

BRAUN, J. Por que cada vez mais russas viajam ao Brasil para dar à luz 2023. **BBC Brasil**, Londres, 25 mar. 2023. Disponível em: abre.ai/jdvP.

BUDEL, C. Como imigrantes e descendentes consolidaram Prudentópolis como a Ucrânia brasileira. **G1**, São Paulo, 2 mar. 2023. Disponível em: encurtador.com.br/rKPZ9.

CARDONI, P. A guerra da Ucrânia em números, um ano depois. **Veja**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: encurtador.com.br/ryDR6.

CASAGRANDE, M. C. **Futebol, jogo e paixão: A Copa do Mundo de 2014 em capas de jornais**. 2019. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ESKJAER, M.F.; HJARVARD, S.; MORTENSEN, M. (Orgs.). **The dynamics of mediatized conflicts**. New York: Peter Lang, 2015.

FERREIRA, J. A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galáxia**, n. 33, p. 199-213, 2016.

FORD, M.; HOSKINS, A. **Radical War: Data, Attention and Control in the Twenty-First Century**. Oxford: Oxford University Press, 2022.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

GREIMAS, A. J. As aquisições e os projectos (prefácio). In: COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin, Edusp, 2014.

HARTMANN, C.; SILVEIRA, A. C. M. Convertendo a exclusão social em notícia: a visibilidade da periferia em capas de revista. In: MENDONÇA, C. M. C. et al. (Orgs.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador/Brasília: EdUFBA/Compós, 2018. p. 201-220. Disponível em: repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26089/1/MobilidadeEspacialidadesAlteridades-EDUFBA-2018.pdf.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014. Disponível em: revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

HJARVARD, S. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: [acesse.dev/vAdEA](https://www.acesse.dev/vAdEA).

HORBYK, R. **Mediatization of War and the Military**. Current State, Trends, and Challenges in the Field. In KOPECKA-PIECH, K.; BOLIN, G. (Eds.). *Contemporary Challenges in Mediatization Research*. New York: Routledge, 2023. p. 111-128.

HOSKINS, A.; O'LOUGHLIN, B. Arrasted war: the third phae of mediatization. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 11, p. 199-126, 2015. Disponível em: [tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2015.1068350](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2015.1068350).

LADEIRA, S. 1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa. **G1**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: [acesse.one/jZBGf](https://www.acesse.one/jZBGf).

LADEIRA, S.; GUTIERREZ, F. 2022. Guerra na Ucrânia completa um mês: veja o estado atual da invasão russa e cenários para o futuro. **G1**, São Paulo, 24 mar. 2022. Disponível em: [acesse.one/99GvK](https://www.acesse.one/99GvK).

LANDOWSKI, E. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

LUZ, R. P. D. Memorial da Imigração Ucraniana em Curitiba. **Cronicas Macaenses**, 15 nov. 2018. Disponível em: [11nq.com/JKFMK](https://www.11nq.com/JKFMK).

MOUILLAUD, M. O nome do jornal. In: PORTO, S. D. (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 85-98.

PEDUZZI, P. Com milhares de mortos e refugiados, guerra na Ucrânia completa um ano. **Agência Brasil**, Brasília, 24 fev. 2023. Disponível em: [11nq.com/zNtnb](https://www.11nq.com/zNtnb).

PELO MENOS 18 mil pessoas morreram ou ficaram feridas em 11 meses de guerra na Ucrânia. **ONU News**, 24 jan. 2023. Disponível em: news.un.org/pt/story/2023/01/1808627.

PRANGE, A. A guerra na Ucrânia em números. **Deutsche Welle**, Berlim, 24 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/cwDM4](https://www.encurtador.com.br/cwDM4).

RUSSIA TAKEN 180,000 dead or wounded in Ukraine: Norwegian army. **France 24**, Oslo, 22 jan. 2023. Disponível em: [acesse.dev/Quph0](https://www.acesse.dev/Quph0).

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, v. 8, p. 17-27, 1988.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

HJARVARD, S. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: [acesse.dev/vAdEA](https://www.accesse.dev/vAdEA).

SCOLARI, C. A.; FERNÁNDEZ, J. L.; RODRÍGUEZ-AMAT, J. R. (Orgs). **Mediatization(s) – Theoretical Conversations between Europe and Latin America**. Reino Unido: Intellect, 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. 2, 3 ed. 2013.

TV BRASIL. Brasil tem a quarta maior comunidade ucraniana do mundo. [YouTube: 28 fev. 2022], 2022. 1 vídeo. (2min 40seg). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: [youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg](https://www.youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg).

UM ANO APÓS invasão russa, insegurança dificulta intenções de retorno de ucranianos, diz ACNUR. **ACNUR**, 23 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/tIQT5](https://www.encurtador.com.br/tIQT5).

VEIGA, E. Da comida à religião: as semelhanças entre Rússia e Brasil. **BBC**, São Paulo, 14 fev. 2022. Disponível em: [encurtador.com.br/GN269](https://www.encurtador.com.br/GN269).